

DESAFIOS *à prática reflexiva* NA ESCOLA

Lino de Macedo

**O que é prática reflexiva na escola?
Quais os desafios que
enfrentamos ao realizá-la?
Por que a prática reflexiva
é tão importante hoje?
O objetivo deste artigo
é abordar essas três questões.**

A prática reflexiva na escola

Historicamente, prática e reflexão foram tratadas como adversárias. Ainda hoje é freqüente a divisão entre aqueles que se interessam mais pela reflexão teórica, pelo domínio do conhecimento no plano do discurso ou da especulação, e aqueles que preferem “pôr a mão na massa”, isto é, considerar o plano da experiência e suas realizações. Como pensar o conhecimento e a reflexão sobre ele como um corpo que caminha com duas pernas, uma que expressa sua dimensão prática ou procedimental e outra que representa sua dimensão compreensiva ou explicativa? Como considerar essas dimensões do conhecimento como duas partes compondo um mesmo todo, de modo interdependente? Defendemos, portanto, uma relação de cooperação ou reciprocidade entre a reflexão e a prática, uma complementando a outra, de forma irredutível e indissociável. Em termos concretos, essa mudança de ênfase sugere duas questões: como refletir sobre a ação já realizada ou sobre a ação a realizar? Como praticar a reflexão?

Praticar a reflexão supõe admitir que, como prática, ela se expressa como qualquer outra forma de conhecimento que se realiza no espaço e no tempo, por meio de estratégias ou procedimentos que favorecem sua melhor realização, e que pode ser mais bem realizada pela mediação de um formador. Apesar disso, a prática reflexiva na escola ainda se faz de modo irregular, quase individual e perturbado por todos os tipos de pressões e ambivalências. Irregular porque é freqüente surgir algo urgente para ocupar o seu lugar. Quase individual porque as iniciativas e as boas intenções institucionais nem sempre correspondem à satisfação das necessidades para a realização dessa prática. Perturbado por pressões e ambivalências porque a escola está cada vez mais sobrecarregada com tarefas e expectativas sociais sobre a importância de seus produtos e, ao mesmo tempo, só pode comportar-se de maneira pouco profissional – nos termos que comentaremos no final deste artigo – e pouco habilitada para enfrentar esses novos desafios.

Desafios à prática reflexiva

Analisar os desafios à prática reflexiva na escola implica pensar o tema na perspectiva de situações-problema, ou seja, dos obstáculos que enfrentamos e do que somos desafiados a aprender em favor de sua superação. Nessa perspectiva, propomos analisar os seguintes obstáculos:

- voltar nossa atenção para as ações e suas conseqüências, uma vez que temos o hábito de pensar sobre objetos, acontecimentos ou conceitos;
- aprender a refletir sobre a ação a realizar e sobre a ação realizada;
- saber considerar simultaneamente os processos de exteriorização e interiorização inerentes à tomada de consciência;
- aprender a refletir com a mediação de alguém ou de algum recurso, isto é, dispor de estratégias de formação e aceitar o papel de um formador;
- conviver com a dupla função da reflexão: auto-observação ou descrição e, simultaneamente, transformação e emancipação;
- incluir o *antes* e o *depois* da ação, possibilitados pela reflexão, em seu *durante*.



A reflexão torna compartilhável, criticável e sujeito ao controle mútuo o que antes estava restrito a uma situação particular e restrita às pessoas dela testemunhas

Voltar-se para dentro

Em geral, refletimos sobre objetos, acontecimentos ou conceitos que são os objetivos de nossa prática. Estamos voltados “para fora”. Buscamos – externamente – boas respostas ou boas formas de ensinar melhor. Sofremos com os maus resultados, com a desatenção ou o desinteresse dos alunos, com as dificuldades pedagógicas ou com falta de recursos, mas ignoramos os fatores que os favorecem ou dificultam. A prática reflexiva supõe voltar-se “para dentro” de si mesmo ou do sistema do qual se faz parte. Supõe dar um tempo para o que não tem uma resposta imediata ou fácil. Implica valorizar a posição, o pensamento, as hipóteses do sujeito que age. Supõe compreender que suas interpretações, seus sentimentos ou suas expectativas são fatores importantes para a produção dos acontecimentos.

Refletir sobre a ação a realizar e sobre a ação realizada

Como regular o presente, a prática que realizamos aqui e agora, considerando as ações já realizadas, o que pudemos aprender com elas e, simultaneamente, aquilo que planejamos e que pudemos antecipar em favor dela? Saber refletir sobre a ação significa atualizar e compreender o passado, fazer da memória uma forma de conhecimento. Implica saber corrigir erros, reconhecer acertos, compensar e antecipar nas ações futuras o que se pôde aprender com as ações passadas. Envolve reconhecer que a leitura da experiência é tão importante quanto ela própria e o significado – positivo ou negativo – que lhe atribuímos. Implica saber que refletir para agir significa assumir, na prática, o raciocínio e o espírito do proje-

to; significa organizar e comprometer o presente em nome do futuro ou de uma meta que se pretende alcançar; significa pré-corriger erros, antecipar ações; significa imaginar os obstáculos a serem enfrentados e os modos de superá-los; significa valorizar o planejamento da ação e utilizar a avaliação como forma de regulação e observação do que ainda não aconteceu, mas sobre o que já definimos um valor e um modo de intervenção.

Duplo processo: exteriorização e interiorização

A prática reflexiva, como todo processo de tomada de consciência, supõe dois percursos, iguais e contrários, a partir de um ponto periférico a ambos: a interiorização e a exteriorização. Por que nossa relação com as coisas sempre parte ou se expressa em termos de uma posição periférica, seja ao sujeito que age, seja ao objeto sobre o qual ele age? Como romper essas relações superficiais, periféricas? Qual o papel dos erros, das diferenças, dos conflitos cognitivos, das frustrações, em favor desse processo? Sobre o que vale refletir ou tomar consciência? Como aprender a criar um contexto que motiva a reflexão? Como recortar ou eleger situações-problema que sintetizam e expressam os assuntos mais relevantes para nossa meditação? Como realizar essa dupla marcha do conhecimento, uma em direção ao sujeito e a outra em direção ao objeto, que nos encaminha para direções opostas, mas que tenham o mesmo sentido (superar a ignorância e trocar o sofrimento pela alegria do conhecer)? Como realizá-las de modo interdependente?

Ninguém reflete sozinho, porém ninguém reflete por nós. Com quem refletimos sobre algum assunto? Qual é o papel do formador ou da pessoa que participa do processo de reflexão? Quais são as estratégias que utilizamos na prática reflexiva? O que significa fazer a mediação em um processo de formação? Sobre o que vale a pena refletir?

Reflexão: auto-observação, transformação e emancipação

Um dos desafios à prática reflexiva é aceitar sua função como observação e leitura de nossa experiência; como um modo de olhar, ouvir, tocar e dizer a nossa prática tal como ela pode se realizar; como um modo de lhe atribuir significados e respeitar suas características e formas de expressão. Como fazer isso sem culpa, con-

descendência, auto-recriminação, arrogância e sentimento de superioridade ou inferioridade? Ao mesmo tempo, a prática reflexiva pode ser um móvel de transformação ou emancipação de formas agora rígidas, obsoletas ou insuficientes de realização. O benefício dessas funções implica rever hábitos e padrões de conduta ou de pensamento. Significa comprometer-se com o que dizemos e assumir as conseqüências disso. Envolve aprender a refletir como observar melhor, sem crítica, reconhecer o que foi feito. Não é fácil passar do plano da ação para o da reflexão. As ações, sobre as quais interessa refletir, estão organizadas em gestos, atitudes, procedimentos didáticos, esquemas práticos. Transportá-las ao plano da reflexão supõe, segundo Piaget, três obstáculos. O primeiro é o de aprender a reconstituir, no plano da representação, o que já está em uso (mesmo se suas conseqüências não forem mais tão desejáveis ou positivas) no

plano da ação. O segundo é o de reconhecer que essa reconstrução comporta um processo formativo complexo, pois significa descentrar-se das ações propriamente ditas e do contexto de suas realizações, transformando em linguagem, que representa, recorta, reorganiza e tira ou acrescenta significados agora no plano das palavras, das imagens, dos modelos e de todas as formas de presentificação do que até então era jogo de procedimentos e de estratégias. O terceiro obstáculo, para o qual oferecemos muitas resistências, é o de dar um estatuto social e interindividual ao que, até então, era restrito ao contexto da aula ou da relação professor-alunos. A reflexão torna compartilhável, criticável e sujeito ao controle mútuo o que antes estava restrito a uma situação particular e restrita às pessoas dela testemunhas. Se isso pode ser libertário e emancipável, pode também nos expor a uma situação so-

bre a qual não temos mais o suposto controle. Nesses termos, a prática reflexiva, se bem conduzida, pode ser um móvel de transformação. Contudo, isso supõe assumir riscos, tomar decisões, mobilizar recursos, atualizar e rever esquemas, assumir a incompletude ou a insuficiência das coisas. E mais: implica que nos exponhamos frente aos outros e que nos libertemos de nossa solidão e do pseudoconforto de seu anonimato.

Ação: antes, depois e durante

Como considerar ação e reflexão de modo indissociável, complementar e irreduzível? Como articular essas duas formas de conhecimento de modo interdependente? Como possibilitar que uma reflexão sobre o antes e o depois da ação permita, pouco a pouco, uma melhoria do que ocorre durante a ação? Sabemos que, muitas vezes, tudo o que podemos fazer é um máximo de ação

**Refletir para agir
significa assumir,
na prática, o raciocínio
e o espírito do projeto**



com um mínimo de reflexão. Para isso, recorreremos preferencialmente a condutas por ensaio e erro, a hábitos e condicionamentos, ficamos subordinados às conseqüências – positivas ou negativas – do que fazemos, estamos reduzidos às queixas ou às alegrias sem saber suas razões. Ainda que sejamos profissionais da reflexão, ficamos submetidos a um cotidiano sem tempo ou espaço para ela. Outros de nós já vivem uma situação oposta: maximizam a reflexão e minimizam a ação. Nesses casos, o que constatamos é um excesso de um plano discursivo (falar sobre), às vezes moralista e apoiado no que deve ser feito, expressando algumas vezes uma relação externa, superior e arrogante. Pensamos que essas duas posições extremas não valem a pena, pois podem tornar-nos capengas, vacilantes e unilaterais.

A importância atual da prática reflexiva na escola

Por que a prática reflexiva na escola é tão importante hoje? Valorizar a importância da prática reflexiva na escola significa, entre outras coisas, assumir que o magistério deve ser reconhecido como profissão e não apenas como simples ofício. Tal como ser médico ou engenheiro, ser professor supõe uma formação séria, complexa e difícil, mas também altamente valiosa. Ensinar é mais do que uma extensão do trabalho de casa ou do trabalho doméstico ou da mera repetição de um manual ou do texto didático escrito por um especialista. Agora, a escola tornou-se para todos, isto é, tornou-se compulsória e obrigatória, cumprindo o direito de nela as crianças poderem aprender o que é significativo para suas vidas. Para realizar bem essa tarefa, temos que nos profissionalizar. A prática reflexiva é um dos recursos para isso.

Uma sociedade tecnológica exige domínios múltiplos e sempre aperfeiçoados para se lidar com as máquinas e para se beneficiar de suas realizações ou produções. Um mundo globalizado exige o domínio de diferentes formas de leitura e escrita, a relação com os diversos modos de enfrentamento e solução de problemas, de vida social e de valores atribuídos às mesmas coisas. Um universo ameaçado por entulhos e desperdícios, pela destruição e pelo esgotamento de seus recursos, pela insuficiência de suas formas milenares de conservação e transformação dos produtos de suas relações exige compreensão e tomadas de posição sobre as conseqüências de nossas ações, implica denunciar e elaborar propostas que recuperem, regulem, evitem um colapso global cada vez mais iminente. Uma sociedade que se quer igualitária, democrática, ne-



A prática reflexiva, se bem conduzida, pode ser um móvel de transformação

cessita aprender a discutir, argumentar, construir coletivamente e aprender formas de consenso, de superação de conflitos. Para combater a violência, é suficiente contratar guardas e construir presídios?

Não dá mais para a escola manter-se restrita à transmissão de conteúdos disciplinares, bem como à presença de alunos dóceis aos seus métodos e às características de seus professores. Uma escola para todos supõe a disponibilidade para a prática de uma pedagogia diferenciada e de uma avaliação formativa. Pedagogia diferenciada porque leva em conta a diversidade e a singularidade de todas as crianças que agora freqüentam a escola e nela esperam aprender coisas significativas para sua vida. Avaliação formativa porque observa, regula, seleciona, valoriza o que melhor pode estar a

serviço dessas aprendizagens e o que indica os progressos ou as mudanças de posição quanto ao que cada criança pôde aprender e desenvolver em favor de conteúdos, competências e habilidades que nós, adultos, julgamos que elas deviam dominar. A vida na escola, nos termos em que ela se configura hoje, supõe saber enfrentar e resolver situações-problema cada vez mais complexas e para as quais as respostas tradicionais são cada vez mais insuficientes, obsoletas ou inaplicáveis. Para isso, temos que nos tornar profissionais e superar a crítica vazia e externa, a queixa, a culpa, a ingenuidade e o amadorismo. Penso que a prática reflexiva, até pelos obstáculos que nos coloca, pode ajudar-nos nessa direção.

Lino de Macedo
é professor de Psicologia
do Desenvolvimento da USP.
E-mail: limacedo@uol.com.br



Para Saber Mais

ALARCÃO, I. *Escola reflexiva e nova racionalidade*. Porto Alegre: Artmed, 2001.
PERRENOUD, P.; GATHER-THURLER, M.; MACEDO, L.; MACHADO, N. e ALLESSANDRINI, C. *As competências para ensinar no século XXI: a formação dos professores e o desafio da avaliação*. Porto Alegre: Artmed, 2002.